



OS RIDÍCULOS

**E ESTE
ANO NOVO
VAI SER
MESMO
VIDA
NOVA**

~~1974~~
1975



Vou Ser Eremita

O VIRA DO VOTO

**MENINOS VAMOS AO VOTO,
AI, QUE O VOTO É QUE TEM VALOR!
NÃO É COMO ANTIGAMENTE,
PARA OS GAJOS QUE ERAM DA COR. . .**

**EU VOTO, TU VOTAS,
VAI TUDO VOTAR!
COM ESTA DO VOTO,
VAI TUDO VIRAR!**

**MENINOS, VAMOS AO VOTO,
AI, QUE É PARA DAR BEM NAS VISTAS!
OS VOTOS DA MALTA TODA
AI, VÃO DAR CABO DOS FASCISTAS!**

**EU VOTO, TU VOTAS,
VAI TUDO VOTAR!
COM ESTA DO VOTO
ELES VÃO SE LIXAR!**

**MENINOS, VAMOS AO VOTO,
AI, VAMOS LÁ TODOS VOTAR!
QUEM TIVER MEDO DO VOTO,
AI, NÃO OS TEM NO SEU LUGAR!**

**EU VOTO, TU VOTAS,
DO CAMPO À CIDADE!
O VOTO É A PROVA
DESTA LIBERDADE!**

Meus amigos, o que a gente não pode dizer é que em política internacional se morre de tédio e aborrecimento. Isto nos nossos dias é mais divertido do que o filme do 007, e quem não gostar de emoções fortes, o melhor que tem a fazer é não ler os jornais, não ouvir rádio, não ver televisão, não falar com os vizinhos, não ouvir as conversas dos gajos que vão no autocarro (isto quando conseguir apanhar o autocarro).

O melhor que tem a fazer é ficar escondido em casa, ou melhor ainda ir para um convento.

Porque se andar cá ao ar livre ouve cada título que é de começar a pensar. . . querem ver?

1) A SUCESSÃO DO GENERAL FRANCO CONSTITUI UMA BOMBA DE RELÓGIO! (New York Times)

Gaita! E então isto que é mesmo aqui ao lado! E se a bomba rebenta? E eu que até às vezes costume ir ali a Badajoz comprar rebuçados. . . Nã! não posso lá voltar sem o gajo bater a bota. Porque é nessa altura é que a bomba pode rebentar! Mas porque raio é que o homenzinho está lá vivo e a mexer há tantos anos e agora é que puseram a bomba! Isto é que uma pessoa tem que ter cuidado! E vejam lá vocês que ainda este verão eu lá estive ao pé! E se a bomba tinha rebentado naquela altura? Gaita, que a gente nem sabe às vezes nos trabalhos em que se mete! O que vale é que. . .

2) A GUERRA É PRATICAMENTE INEVITÁVEL! (Mosh Dayan)

Claro! Este gajo deve saber do que está a falar! Pois se o gajo até é ministro da defesa, com certeza que também percebe de ataques! E se os gajos se peguem outra vez à pera? E eu que depois preciso de gasolina para o seiscentos e não há? E depois fica mais cara e só há duas vezes por semana? E se pega a guerra por ali fora, que até nem é muito longe, e a malta fica também metida naquela alhada? Nós que até nem somos árabes nem judeus (fora o meu senhorio que é judeu, e o homem do lugar, que parece que é árabe) e se os gajos por lá também se pegam? O que vale é que. . .

3) O XÁ DA PÉRSIA AMEAÇOU AUMENTAR O PREÇO DO PETRÓLEO (jornais franceses)

Claro! Aqueles gajos lá porque têm uma bomba de gasolina, e a malta não ganha p'ro pitrol, passam a vida a ameaçar a gente que vão aumentar os preços. E depois como é que a gente vai governar a vidinha? Agora que isto estava a andar tão bem, lá voltam eles com esta!

Vamos a ver o que é que o tal senhor presidente da França lhes responde: oxalá que ele os convença que aquilo não é barrete, porque se os sacristas descobrem que lhes vão aumentar o valor do ouro qualquer dia a malta tem que voltar ao tempo da guerra da outra senhora e andar com os carros a gazogénio, que era uma coisa bestialmente gira. Mas agora o que me está mais a preocupar é a questão das bombas em Inglaterra e na Irlanda; da revolução Grécia; da revolução da Etiópia; na revolução do Chile; na revolução da Argentina, e em mais quinze ou vinte revoluções sortidas que vão por esse mundo fora. E o que me preocupa é. . . o que me preocupa é. . .

Bom. O que vale é que. . .

O Nosso Cabaz

Quem é que é esperto, quem é? A minha Felismina, quando eu logo no princípio do ano lhe disse que ia entrar para sócio dum cabaz do natal, quase que me esfolora vivo.

— Porque tu és um porco! Porque tu nunca vês que te estão a enganar! Porque já devias saber que isso são tudo aldrabices! E porque torna e porque deixa, e cá estou eu a esfalfar-me a trabalhar para tu andares para aí a estragar a féria em porcarias que até nem sabes o que são!

É pá! De cada vez que lá em casa aparecia o gajo a pedir o recibo do cabaz, lá tornava eu a ficar com os ouvidos a arder.

— Mas ó mulher! Atéão tu não viste o que é que eles dão? Olha que até dão bacalhau! Bacalhau, mulher! É melhor que se fosse volfrâmio! Tu sabes que neste tempo em que de vez em quando faltam coisas, tu sabes o que é ter sem despesa nenhuma no dia de Natal um cabaz cheio até acima de coisas boas? De vinhos, de liciores, de bacalhau, de café, de chá, de liciores, de bacalhau, de perfumes, de livros, de brinquedos, de bacalhau, de pudins, de chocolates, de bacalhau...

— Oh homem cala-te que já não te posso ouvir. Pronto, chicha, vai lá pagando o cabaz, mas nem sonhes em me pedir o dinheiro para ele do dinheiro do governo da casa. Se fosse eu, já tinha arriado o cabaz há que tempos!

Eu bem disse à minha Felismina que depois de tudo o que eles tinham dito que até veio na televisão, não ficava bem ir assim arriar o cabaz a meio. E fiquem sabendo que continuei a pagar todos os meses. Que diabo, aquilo não custava quase nada por mês. Nem chegava a duzentos dele. E agora, no fim do ano eu tinha um conto e quinhem-

tos limpinhos sem osso, com bacalhau e tudo!

E foi. Cá chegou hoje o cabaz. É pá! Só o caixote em papelão tinha quase um metro! Até a minha Felismina ficou admirada, e disse logo que aquele caixote era porreiro para servir depois para o gato, porque o outro já estava velho.

Depois lá dentro a gente primeiro só começou por ver aparas grossas de madeira. E eu disse logo à minha Felismina: — Aqui vem coisa frân-

gil: deve ser o bacalhau... E era. Os gajos até tiveram o cuidado de meter as três postinhas de bacalhau num saquinho de plástico para não se rasgarem, porque ele era daquele muito bom, que parece de nylon, muito brilhante e fininho. E até trazia a barbatana do rabo, que é porreira para fazer sopa de marisco.

Também vinham os perfumes, um que é igual ao que a nossa sopeira deu ao magala que a vem buscar ao domin-

go, e outro que a minha Felismina diz que é tão bom que até parece daqueles que vendem na feira das Mercês. E também vieram os pacotes de pudim fiam, e um frasco de xarope, e três livros de côbois, daqueles de cinco paus.

E três garrafas de vinho do branco e outras misturadas os dois. E até tinha uma garrafa de aguardente igual à que me deu um dia o meu merceiro que custava vinte sete paus.

Estava eu muito satisfeito a ver as coisas e a tirar uma bolacha do saquinho, quando a minha Felismina que é lixada para me lixar, começou com um papel e um lápis a fazer as contas daquilo tudo e no fim diz-me assim:

— Olha, se tu tivesses dado só três meses do dinheiro que pagaste a esses gajos, eu tinha comprado tudo isso, de melhor qualidade, mais fresco e tínhamos forrado mais dum conto de reis! Eu bem te disse

cont. na pág. 15





A DEMOCRACIA DE D. ARCIOLINDO



EL-REI

— Senhora D. Briolanja, vinde cá que hei mister de vos falar!

D. BRIOLANJA

— D. Tomazinho, estaides cada vez mais chato! Que me quereides?

EL-REI

— Olhaide: andes de mais sabeis muito bem que estaides proibida de mencionardes o meu nome! Para vós e para toda a gente, eu sou e serei sempre o vosso subreano! El-Rei, majestade, venerando, tudo isso me podeides chamar. Mas nada! Alembraide-vos que é isto que toda a gente sempre me chamou e continua a chamar!

D. BRIOLANJA

— Isso é o que vós pensaides! Lá que vós chamavam isso, acredito: mas aquilo que vos chamam agora, se calhar não é a mesma coisa...

EL-REI

— Não sejades impertinente! Bem sabeides que sempre vos permiti certas liberdades, por que soides a minha legítima esposa...

D. BRIOLANJA

— Porquê? Acaso tendes outra que o não seja?

EL-REI

— Deixaide-vos de fitas. E ouvide o que tenho para vos dizer, que importante assunto é.

D. BRIOLANJA

— Dizeide, dizeide, meu amado esposo. Por certo não serão mais babozeiras do que tantas que já vos tenho ouvido dizer. E como aqui estamos sós...

ALDEGUNDES

— Que dizeides, mamã? Que estaides sós? Não estareis acaso a conspirar?

EL-REI

— Ah, minha muito estremosa filha! Ainda bem que também aqui estaides. Aquilo que vos tenho a dizer também vos diz respeito. Ouvide.

D. BRIOLANJA

— Vamos meu senhor, desembuchaid!

D. PAIO

— Meu amo e senhor, permitis que penetre?

EL-REI

— Outro! Mas que haverei de fazer? Ai que saudades da solenidade do meu palácio onde ninguém entrava sem ser anunciado! Enfim, D. Paio, vós sois um antigo servidor. E afinal também podereis estar interessado naquilo que eu pretendo dizer à minha amada esposa e a minha estremosa filha...

D. PAIO

— Grata mercê me fazeides, senhor. Submisso vos escuto!

EL-REI

— Ouvide então: Como sabeides aqui hemos visto os pasquins que do meu reino vieram...

D. PATRÍCIO

— Poderrei entrarr, Majestade?

EL-REI

— Chixa! Afinal isto é a minha câmara ou a sala dum comício desses que me dizem fazerem-se agora nas terras do meu reino? Não poderei eu ter uma conversa tranqüila com meus familiares?

D. PATRÍCIO

— Reparraide, Majestade que hoje mais do que nunca vos seides o supremo chefe deste triste corte...

EL-REI

— Chefe dum grupo de penduras, quereides dizer, senhor D. Patrício!

D. ARCIOLINDO

— Permitis-me, meu senhor? Novas hei recebido do nosso reino! A minha fiel Lutegarda manda-vos os seus respetos!

EL-REI

— E bem preciso era aqui um bocado de respeito! Desde que aqui comecei a conversar com a minha muito amada esposa, ainda mal consegui dizer duas frases seguidas...

D. BRIOLANJA

— Tal como antigamente, nos vossos discursos públicos...



AS GRANDES REPORTAGENS DO PASSADO

Uma vez mais ligamos o nosso posto receptor às antenas dos mais conceituados médiuns da nossa praça, para recebermos as sensacionais notícias dos tempos que lá vão.



LEIRIA

LEIRIA, Outono de 1285: — Reina grande descontentamento na corte de nosso senhor el-rei D. Diniz, pelo facto de não estarem bem pegadas as grandes plantações de pinheiros malucos em virtude ao que parece da má recuperação agrária que se verifica na região. El-rei mandou já emissários em busca do sábio ortelão Pimenta em busca do remédio mas este recusou-se em virtude de nomeado grão mestre das couves, abóboras tomates e materias correlativos o sábio Ingníriou Souza Velouzo, ao que parece a única pessoa capaz de salvar para a posteridade o que irá ser o célebre pinhal destas terras do verde pino. El-rei parece que já está bastante bera em virtude de lhe terem mandado dizer que o sábio Ingníriou Velouzo tinha nos últimos tempos descurado os mestres do seu ofício das couves e hieldroegas e andar a propagandar ideias das sublevações populares contra o poder real.



LONDRES

LONDRES, Junho de 1672: — deu hoje entrada no hospital da City um individuo do sexo aparentemente masculino com um grave ferimento no coiro que por acaso até era bastante cabeludo. Tendo-lhe sido perguntado se tinha andado a jogar à pera, o individuo em questão disse que não senhora, que tinha sido a maçã. Declarou chamar-se Isaac Newton, e estar muito descançado debaixo duma macieira a pensar como é que ia arranjar dinheiro para pagar a renda da casa, quando lhe caiu uma maçã na pinha, causando o grave ferimento que foi tratado com fita gomada, porque no hospital da City não havia naquela altura nenhum adesivo.

O Sr. Newton disse que havia de haver uma lei contra as maçãs que caem na cabeça das pessoas, e como lhe explicassem que ainda não havia nenhuma, ele declarou que o caso se revestia duma certa gravidade e declarou que ia tornar pública a Lei da Gravidade. E ao que parece declarou, porque a B.B.C. no noticiário da noite já dava essa notícia com caracter oficial.

ATENAS

ATENAS, época das chuvas, século XVI A.C. — Aguarda-se a cada momento a chegada a este porto do conhecido comandante da marinha mercante Sr. Ulisses, pessoa que é como se sabe extremamente cortez, e que regressa duma longa viagem pelo estrangeiro onde efectuou várias demonstrações das suas excepcionais habilidades. Os mais recentes comunicados recebidos através dum pombo correio informam que o Sr. Ulisses se esteve durante algum tempo numa terra da Hispânica Península denominada Ulissipone, onde realizou várias demonstrações financeiras de alto coturno. Espera-se que com a experiência adquirida nesta viagem, o Sr. Ulisses assente um bocado mais e se dedique à construção civil onde certamente o espera um risonho futuro.



SIRACUSA

SIRACUSA, 290 A.C. — realizou-se nesta cidade uma mesa redonda para homenagear o conhecido cientista Sr. Arquimedes da Antiguidade, e na qual o homenageado explicou vários dos seus inventos mais recentes.

Como facto curioso deve destacar-se a sua demonstração da melhor aplicação da cunha que pela História adiante tanta influência irá ter na humanidade, muito especialmente em funções públicas. Mas o sucesso da sessão foi a explicação do seu último invento.

Como se sabe o Sr. Arquimedes inventou recentemente o parafuso, que é um ferrinho muito simples no qual o Sr. Arquimedes soltou um caracol domesticado que tinha uma falta de retenção de urinas. E como o caracol começou a andar à volta do ferrinho, o sulco que ele deixou corrou o ferrinho abrindo-lhe um profundo sulco (a urina do caracol, como se sabe é altamente corrosiva). O Sr. Arquimedes que tinha o ferrinho em muita estimação ficou indignadíssimo com a acção do caracol e ralhou imenso com ele, mas o caracol disse que a culpa tinha sido da mulher dele (dele, caracol, não dele, Arquimedes). E então o sábio Sr. Arquimedes transferiu os insultos para a mulher do caracol e fartou-se de gritar: — porca! Porca! Nessa altura o caracol, que estava verdadeiramente envergonhado pela sua acção nefasta sobre o ferrinho do Sr. Arquimedes, arranjou uma argolinha que entrava mesmo à justa no ferrinho e urinou-lhe por dentro mais umas voltinhas, de forma que daí a pouco tempo ela já corria pelos sulcos do ferrinho, duma ponta a outra.



O Sr. Arquimedes pensou, pensou, e decidiu que tinha inventado o parafuso. E em lembrança da reprimenda que tinha dado ao incontinente caracol, passou a chamar porca à argolinha de ferro, a porca do parafuso.

DIÁLOGOS DA ÉPOCA

— O senhor desculpe... Não se importava de me emprestar o seu jornal?

— Faça favor, leia à vontade... Já o li.

— Obrigado. É só para ver os anúncios...

— Casa?

— Não — desemprego! Acabaram os papagaios e, desde há uns meses...

— Acabaram os papagaios?! Papagaios não faltam...!?

— Pois é, mas daqueles que eu ensinava a falar...

— Mas, talvez no Brasil...?

— No Brasil, há. Eu até já escrevi a um amigo...

— Para lhe arranjar papagaios?

— Não — para me arranjar emprego.

— Mas, quem ensine papagaios também lá deve haver com fartura!?

— Pois há mas, sabe, eu fui professor oficial durante muitos anos...

— De papagaios?

— De Formação Política — que era quase a mesma coisa!

— Mas, continuam a faltar professores, sobretudo nessa matéria?!

— Sim, isso é verdade mas, acharam que estava viciado, que não sirvo...

— Porquê? Pode adaptar-se...

— Pois sim mas, sabe, tantos anos a dizer sempre as mesmas coisas...

— Vire o disco...

— Eu tentei mas...

— Está-lhe na massa do sangue, não?

— Não, meu amigo... Na massa da albarda! Ganhava a minha vida...

— E agora?

— Agora, se não arranjar por cá nada, só talvez no Brasil, como digo.

— A ensinar papagaios?

— Foi o que, praticamente, fiz toda a vida. Se me arranjar lá uma cátedra...

— Por conta da Junta, não?...

— É possível... Já não se reí o primeiro...

— Ah, pois não, pois não...

— Se me dá licença...

— À sua vontade. O banco é público. Pode ficar com o jornal. Eu vou andando.

— Obrigado, muito obrigado.

— Olhe, se não arranjar nada, tente nas Caixas.

— Nas Caixas de Previdência?

— Pois! Não faltam lá papagaios que continuam a dizer-nos sempre as mesmas coisas!

VOU-TE ARRANJAR UM BELO ANO NOVO MEU CHOURIÇO DE MERDA!...



O MAIS ANTIGO SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR SILVA NOBRE

PROPRIEDADE HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
Rua Conde de Redondo
n.º 12-2.º — LISBOA
Tel. 53 85 85—53 79 49
4 86 68—56 31 58

Impresso no JORNAL DO COMÉRCIO

Distribuído para todo o país por Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho — Lisboa

A Invocação

Esta reportagem ainda me está a fazer tremer todo da cabeça até aos dedos mindinhos dos pés. Imaginem vocês que eu tinha estado a falar com um amigo que tem um tio que está amantizado com uma gaja que é senhoria dum senhor que faz artes mágicas, e que dizia que era capaz de fazer invocações de espíritos.

E eu desde que vi aquele filme da miúda dos espíritos, nunca mais dormi descansado sempre a pensar que podia aparecer-me um fantasma qualquer.

Não é que eu me chatiasse com os gajos, mas verdade, verdade, eu nem sabia se acreditava se não. Por isso quando o meu amigo que tem um tio que está amantizado com uma gaja que é senhoria dum senhor que faz evocações e artes mágicas, e o gajo me disse que ele (o tal senhor) ia fazer a invocação do espírito dum senhor muito importante, e que era muito difícil porque o gajo (o do espírito) estava lá muito no fundo, eu disse logo que também queria ir ver, para não ir em grupos e ser levado.

E foi assim. Naquela noite o meu amigo veio ter comigo e fomos a casa do tio dele, para a senhora com quem ele está amantizado nos apresentar ao inquilino que fazia sessões.

E a malta sentou-se à volta da mesa pé-de-galo e o gajo lá fez aquelas aldrabices todas com luzes veladas e palavras estremunhadas e a malta a sentir o cu muito apertado porque não me venham cá com cantigas, aquilo mete respeito, mesmo que a malta diga que é aldrabice.

E de repente a gaja que estava a servir de médium (acho que era assim uma espécie de médio de ataque) começou a estrabuchar, e a falar com voz fininha, e só então é que eu percebi quem é que o sacana do gajo queria

E de repente ouvi a voz do gajo. É pá o arripio que eu tive! Até parecia mesmo a voz dele quando a gente via aqueles oculinhos cortados ao meio e os olhinhos a faiscar e o gajo a dizer:

— Meus senhores... os mais altos interesses da nossa pátria...

Chíça! O que vale é que aquilo devia ser aldrabice!

Mas de repente...

De repente apagaram-se as luzes todas. E a malta que tinha estado à volta na mesa, e que eramos cinco, de repente eram seis! Seis, vocês estão a ouvir? O gajo tinha-se materializado e tinha voltado cá a este mundo, raios o partam!

Ficámos todos estarreci-

dos! O gajo ali estava de claça de fantasia, com botas de elástico, casaco preto, e os tais oculinhos cortados a olhar para a malta com o nariz estreito e fininho, que o gajo metia em tudo... E de repente começou a falar:

— Obrigado, meus amigos, por me terem restituído à vida! Eu bem sabia que esta hora era a hora de vir salvar o meu país! Eu sabia que alguém havia de me invocar, e eu tinha que vir rapidamente e em força...

Ganhei coragem e interrompi:

— Senhor... doutor... o senhor... veio de muito longe?

— Vim! Incompreensível-

mente vim das profundas! Eu que sempre levei uma vida recta e sem mácula, encontrarei-me sem saber como nos domínios dos espíritos malignos...

— Ah! Que estranha notícia! E porque seria?

— Ingratidão! Ingratidão dos homens! Com certeza que alguém me mandou para lá! Mas agora aqui estou de novo, agora que a pátria me chama...

— Desculpe, mas quem chamou foi o Arnaldo...

— É igual! Agora, antes que eu me aventure pelas ruas da cidade, e para preparar o discurso de agradecimento que terei que fazer quando as multidões me aclamrem,

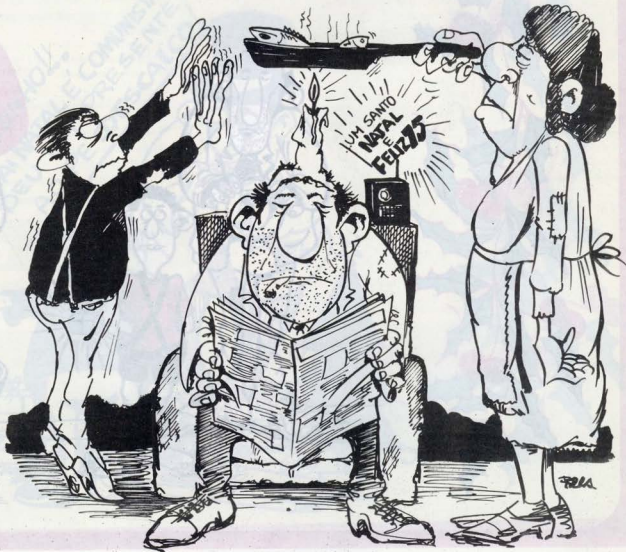
digam: quem são os meus mais dedicados servidores? Quem são os verdadeiros filhos da...

— Senhor doutor! Tenha maneiras! Lá por vir das profundas, não comece já a chamar nomes! É que até mesmo aqui ao lado, no prédio do senhor Constantino está a decorrer um comício, e se sabem que V. Excelência anda por aí à solta...

— Um comício? E atrevem-se a fazer comícios? Ah, bem se vê que eu estava cá a fazer muita falta! Ligue-me para o Agostinho Lou...

— Já não há, senhor doutor! E olhe que os comícios não tem nada de mal...

cont. na pág. 11



O PAI NATAL

O PAI NATAL CHATIADO
ABORRECIDO E ESTAFADO
JÁ NÃO SABE QUE FAZER:
DUM LADO CHEGAM-LHE LISTAS
DE GAJOS CAPITALISTAS
COM PRENDAS P'RA RECEBER:

DO OUTRO LADO TAMBÉM
OS FILHOS DOS ZÉ NINGUÉM
PEDEM BRINQUEDOS E PÃO:
E O PAI NATAL CHATIADO
DESILUDIDO, AFANADO
NÃO LHES QUER DIZER QUE NÃO...

— QUERO UM SACO DE PELES,
MAS NADA QUE SEJA RELES,
E UM COLAR CONDIZER!
— EU QUERIA LÁPIS DE CÔR
UMA CORNETA, UM TAMBOR...
E BOLOS PARA COMER...

— QUERO UM CARRO DESPORTIVO!
— EU QUERIA COMPRAR UM LIVRO...
— DÁ-ME UMA JOIA... UM ANEL!
— QUERO UMA MOTA P'RA ANDAR!
— EU SE PUDESSE, GOSTAVA
DAQUELE COMBOIO QUE ANDAVA
E QUE SABIA APITAR...

PAI NATAL PEGOU NAS LISTAS
DOS GAJOS CAPITALISTAS
E ATIROU-AS PARA A PIA,
E RESOLVEU COMO UM ALHO:
ELES QUE VÃO P'RO TRABALHO,
QUE ISTO É UMA 'DEMOCRACIA!



A DEMOCRACIA DE D. ARCIOLINDO

cont. da pág. 4

EL-REI

— Calaide-vos, senhora! E agora o primeiro que se atrever a interromper-me conhecerá o peso da minha férrea justiça!

D. PATRÍCIO (a meia voz)
— Senhorr D. Paio: Sua Majestade está berra?

EL-REI

— Quem berra daqui a pouco soides vós, insípido menestre! Calaide-vos! Bico! Xarap!

D. PATRÍCIO

— Pronto, pronto, Majestade! Podeides falar à laburrdial!

EL-REI

— Pois como eu ia dizendo, tive uma ideia!

ALDEGUENDES

— Não ireides dar bronca, papá?

EL-REI

— Calaide-vos donzela inconsequente! Acaso tereides vós competência para criticar as nobre ideias do vosso venerando progenitor?

D. PATRÍCIO

— Dizeide, dizeide, Majestade! Todos vos escutam com montes de ansiedade!

EL-REI

— Pois bem. Haves decerto sabido das novas que do nosso reino hão chegado e segundo as quais os infieis que me roubaram o poder fizeram um decreto a permitir que todos os exilados pössam sem serem perseguidos, ir passar o natal às suas terras...

D. PAIO

— Certo é que tais novas ouvi, majestade. Mas que importa isso?

EL-REI

— Que importa? Acaso o peso dos anos já vos obscurece o entendimento, D. Paio? Então vós não vedes que essa é a grande oportunidade das nossas vidas?

D. BRIOLANJA

— Pois quê? Acaso pensais ir de novo às terras do reino?

EL-REI

— Porque não?

ALDEGUENDES

— Porque não? Então vós pensais que os infieis vos deixarão assim entrar no reino como qualquer plebeu visitante?

D. PATRÍCIO

— Nessa não caio eu, Majestade! Há lá uns certos senhorres que serriam muito capazes de me fazerr a barrra!

EL-REI

— Soides um bando de poltrões! Vós tendes que reconhecer que os ibfieis que ordenaram o nosso exílio poderão ser nossos inimigos: mas todas as novas que hieiros tido deles, é que advogam essa estranha filosofia — e raios me partam se percebo porquê! — a que chamam democracia...

D. BRIOLANJA

— Eu já ouvi falar nisso, mas pensei que fosse alguma epidemia...

D. ARCIOLINDO

— Majestade, vós sabeides certamente o que é a democracia...

EL-REI

— Bom... isto é... claro... está bem de ver que...

ALDEGUENDES

— Explicai-de, papá! Explicai-de prestes!

EL-REI

— Deixai de que seja D. Patrício a explicar. É coisa de gentes infieis doutras terras, e era esse o ofício dele...

D. PATRÍCIO

— Pois... naturalmente... a democracia... bom, isto é, há ainda alguns reinos onde as pessoas cultiva a democracia...

D. PAIO

— Ah, trata-se duma plantação?

D. PATRÍCIO

— É assim... pouco mais ou menos, comprrendem? Eles nesses países fazem grrrandes plantações e tenhi ouvido dizerr que tem colhido bons frrrutos...

ALDEGUENDES

— Ah... e são comestíveis? Não farão mal ao flato nem ao bucho caído? Bem sabeides que el-rei é muito átreito a maletas com comidas estranhas.

D. ARCIOLINDO

— Perdoides-me majestade, mas como sabeides, hei chegado recentemente do reino, e por isso talvez vos possa explicar o que é a democracia...

cont. na pág. 11

ASIM FALOU ZARATUSTA

Zaratusta como os meus ilustres leitores já sabem, foi um sábio. E foi um sábio porque ele é que sabia. As suas definições são eternas. E mesmo que possam parecer por vezes mais ousadas do que um filme moderno, a gente acaba por lhe dar razão...

O Bem é sempre recompensado. O Mal é sempre punido. Se queres praticar o Bem, nunca peças aumento de ordenado ao patrão. Verás que ele acabará por reconhecer que tu és o único parvo lá da loja.

Nunca prometas um casaco de peles à tua mulher. Deixa que seja ela a pedir, para teres o conforto moral de lhe dares sopa.

As mulheres são animais domésticos criados à imagem e semelhança do homem para o servir. Com a diferença que raras vezes são domésticas, que têm marcadas diferenças do homem (e ainda bem) e que ultimamente se recusam a servir. Isto é uma gaita, amigos.

Sejamos honestos e coerentes. Quando jurarmos um amor eterno, lembremo-nos pelo menos de o manter até ao próximo fim de semana.

Ele disse que gostava dela. Ela concordou. Ele disse que a adorava. Ela tornou a concordar. Ele disse que estava disposto a todos os sacrifícios. E ela pediu-lhe uma casa de renda limitada. O gajo desistiu.

Nunca penses mal duma mulher. Elas fazem isso sem querer.

Se há tanta água e ela é tão barata, algum defeito há-de ter. Tragam vinho.

Não há fome que não dê em fartura. Nem que seja de porrada.

Ele era tão cínico, tão cínico, que quando se apaixonou por uma mulher, declarou-se nos seguintes termos: Queres-te divorciar de mim para o ano?

COMENTÁRIOS À SOLTA

"BIP", "BIP", "BIP"... e o Jorge (de Bip) lá foi ao ar... aos quadradinhos! Quem teve sorte foi o Benfiquista que ficou com uma pista de "tartan" formidável, antes da bronca!

Vá lá... Pelo menos, este São Jorge da alta finança (e das falcatuas) terá como atenuante, ter concorrido para o fomento do atletismo!...

Os "rapazes" da "Pide" (e ainda se dizia que não havia rapazes maus... Safa!) tiveram a visita das Forças Armadas em véspera de Natal... Como "festa de Natal" uma "revista" pelos rapazes (bons, esses sim!) do COPCON não esteve nada mal pensado!

É que eles' (os mais que maus...) até poderiam ganhar-se em "meninos Jesus" e por alguma surpresa no baptismo... dá malta... com ajudas (ou só Judas) do exterior!...

a invocação

cont. da pág. 7

— Um comício não ter é...? — Sim é malta nova! Acho

— endo! É da mocidade, não que é das Brigadas...

— O senhor deve estar a laborar num lamentável

equivoco. O que o senhor quer dizer é que é um comício da Brigada Naval...

— Não é naval, é revolucionária!

— Valha-me Santa Comba! Então e ainda não cercaram a casa? Como é que isso se pode conceber? Comunistas à solta e nós aqui parados a conversar...

— Não senhor, os comunistas estão a fazer um congresso muito grande...

— Claro! São as notícias da Rússia, não é? É em Moscovo?

— Não senhor, é no Pavilhão dos Desportos! Fala o Cunhal, o Pato...

— Não, não, não pode ser. O senhor é um reles mistificador. Então este país sempre tão ordeiro e tão cordato, pode lá ser que em tão pouco tempo tenha sido dessa forma invadido por ideias tão... tão... tão...

— Tão democráticas...

— Cale-se, desgraçado! Não pronuncie essa palavra na minha frente, que até sinto as visceras aos pulos!

— Olhe então o melhor é assentá-las! Fique sabendo que hoje aqui em Portugal há todos os dias reuniões e congressos do Partido Socialista...

— Não!

— Do Partido Democrático...

— Não!

— Do Partido Comunista...

— Oh, não, não! Não pode ser!

— E das Brigadas Marxistas e Leninistas e Pinta-Cardistas, e Risca-Paredistas, e Monárquicas e Tortzquistas...

— Não, não, não! Isso é com certeza mais um dos tormentos do inferno que o diabo mais velho me está a aplicar! Eu já estava quase acostumado aos tormentos lá de baixo, mas isto é muito pior...

— E fique-se com esta: Vai haver eleições livres!

— Maldição! Maldição! Quero ir-me embora! Quero ir outra vez para as profundas!

— Também acho melhor! Aqui o senhor Arnaldo dá-lhe um jeito... O sór Arnaldo, como é que a gente manda esta aventesma para onde estava?

— Ah isso é fácil! Basta dizer em voz alta aquilo que todos os nove milhões dizem:

— Vai... para as profundas do diabo que te carregue! Vai e não voltes nem daqui a trezentos e noventa mil anos!

— Vai! Vai! Vai para as profundas do inferno!

E o gajo foi.

E depois digam lá que as minhas reportagens não são sensacionais!

A DEMOCRACIA DE D. ARCIOLINDO

cont. da pág. 10

EL-REI

— Falaide, falaide, D. Arciolindo! Pelos vistos eu bem tinha razão quando pensei que D. Patrício tinha andado a sacar dobrões na minha corte para andar nos cabaretes dos outros reinos, e em vez de conquistar glórias para o reino, conquistava era bonecas... Falaide, D. Arciolindo. E explicaide o que é então essa coisa.

D. ARCIOLINDO

— Vós sabeides, Majestade que pelas leis e pela sagrada tradição, compete aos reis o governo dos povos...

EL-REI

— Evidentemente! Continuaide.

D. ARCIOLINDO

— Pois essas arrojadas ideias chamadas de democracia dizem que é a plebe que governa...

EL-REI

— Que dizeides? E os reis desses países não cortam as cabeças a esses atrevidos?

D. ARCIOLINDO

— Não, Majestade! Sabeide que depois de se acostumarem até acham bem! Eu por exemplo...

EL-REI

— Que dizeides, senhor cavaleiro? Também vós?

D. ARCIOLINDO

— Não, Majestade, não! Esperaide! O que vos queria dizer é que eu e a minha fiel Lutegarda estabelecemos uma nova harmonia conjugal, brincando às democracias...

ALDEGUNDES

— Estranhas brincadeiras! Como são?

D. ARCIOLINDO

— Sabeides como eu sou ativo, impulsivo e dominador. Pois no meu palácio, quando a ira me sobe à cabeça, eu grito à minha Lutegarda: — Senhora, ide à merda!

EL-REI

— Bem dito! E ela submete-se?

D. ARCIOLINDO

— Com certeza, Majestade! A minha fiel Lutegarda responde-me: Ide vós!

EL-REI

— Espantoso! E vós não a mandais acoirar?

D. ARCIOLINDO

— Não, Majestade! Democráticamente discutimos o assunto, e reconhecida a inutilidade de nos irmos conspirar os dois, acabamos por mandar um dos nossos lacaios...

Leonel

MANICURE
BAR

CABELEIREIRO DE HOMENS

Rua Gonçalves Crespo N.º 37-B Tel. 561880

BOUTIQUE
PERFUMARIA

ERA UMA VEZ



A LALOCUTAR

Era uma vez... um locutor. (A história vai daqui para a frente, porque não o conhecemos antes. Quem o conheceu que escreva os capítulos anteriores, se achar que vale a pena). Era um locutor simpático, que entrava em um ou dois filmes, contava umas anedotas com piada (às vezes, um pouco fortes mas, passava...), nos serões da F.N.A.T. e neste ou naquele palco, fazia uns relatos de futebol e, até parecia boa pessoa... Tanto assim que, na altura em que andava a "comandar" os "relatos em cadeia" da E.N. e foi parar à cadeia do Barreiro (duas vezes), a malta até estava por ele e contra o "sór" tenente que o prendera. (Hoje, já se aventa a lógica hipótese de que o "sór" tenente lá teria as suas razões... talvez, já nessa altura, com a mania de reinar mesmo com a tropa...)

Nesse tempo já ele — o locutor — tinha engordado um bocadinho e, parece-nos, tinha deixado também crescer o bigode mas, como dizemos, a malta ainda já por ele, ainda não sabia quem ele realmente era... Os anos foram passando, o locutor continuou fazendo os seus relatos e os seus serões muito alegres...

e, continuou, também, engordando, engordando sempre — já não só física mas, ainda, monetariamente. A malta já dava pela gordura, já lhe achava um certo jeito de nababo da Rádio e seus derivados mas, ainda não desconfiava dele... muito embora (lembramos agora) já tivesse feito, anos antes, um grandecíssimo papel de carpideira no funeral de um Presidente do "28" (depois, do "29").

Veio a Televisão — já ele tinha deixado, praticamente, os relatos da estação oficial e fundado, só ou acompanhado, a sua empresa radiofónica de "som e arte"; para o mesmo efeito — e apareceu-nos, no pequeno ecrã, a fazer uns concursos, uns diálogos com o Camilo (que a malta gravava — e grama — à brava), armado em Senhor Gaspar (lembra-m-se?), com umas palhaçadas e umas piadas das suas à mistura, etc., etc. A malta ia naquilo, muito embora, não se sabia bem porque (talvez porque o pagode, se não tem, parece ter, também, o tal certo sentido...), já não fosse lá muito à bola com ele... Até que, em 1961 (não foi?), foi ao Brasil fazer o "relato oficial e directo" referente ao "desa-

fio" do Santa Maria... e, aí tirou a máscara. Constou, até que, em face da sua "imparcialidade" nos comentários, lhe chegaram, ou quiseram chegar a "roupa ao pelo". Fosse como fosse, oitenta por cento da malta (pelo menos — que o resto seriam os tais... donos do país), não só deixou de o gramar como passou a não o gramar... fosse lá com que molho fosse! Mas, na volta do Brasil, em paga do bom "trabalhinho radiofónico" — e, possivelmente, do risco que correu (ou do que apanhou) — o "António da Calçada" fê-lo comendador... Não sabemos bem de quê. E, decerto, a comenda não terá ido sozinha, sem envelope... pois, ou havia moralidade (e, dessa, ele tinha-na com factura) ou comiam todos do orçamento. Se outros levavam, era justo que, ele, o locutor anafado e destemido, que tinha feito vibrar a alma... da Ditadura, dizendo coisas e loiras de fazer chorar as pedras da calçada (da Estrela e outras) e vibrar de patriotismo, até ao parais e os pombo do Rosário e do Camões (que, apesar disso, continuaram fazendo "côco" de cima dos seus poleiros, sem respeito por nin-

guém); aquele locutor que, apesar de se custar a mexer de gordo, andava ali no meio, sabe-se lá de quem, até de assassinos que nem estavam autorizados a matar (porque já isso era exclusivo do "Pide", onde tinham decerto, cadastros...) — aquele locutor, dizíamos, também, tinha que levar "algum"!... Só o Zé Pagode é que continuava a levar "raspas" e a ser levado, de todas as maneiras e feições! E aquele locutor da ditadura (dizemos aquele, porque havia mais, como se sabe...), actor, apresentador, contador de anedotas, palhaço, papagaio, proprietário (ou co-proprietário) de uma empresa de propaganda radiofónica, etc., etc... e comendador, ficou, além de gordo, inchado! E continuou na sua vida... o tempo foi passando (inexorável), aquilo foi esquecendo e, conquanto a malta não o "chupasse", com as suas palhaçadas, as suas manhas, o seu grande cinismo e a sua grandecíssima "lata", terá, de qual modo, conseguido, aparentemente, recuperar um pouco de terreno na tolerância popular — porque, lá na simpatia, nisso não. Porque parecia não incomodar muito, tolerava-se, suportava-se

mas... lá simpático, não era mais! Até porque, através da T.V. — que era onde ele nos aparecia (os serões dos assassinos que nos contactos directos com o público já iam...) — tolerava-se muita coisa, muita! Mas, lá fora, quando ele ia com as "caravanas populares", fazer o "Natal dos pobrezinhos... dos emigrantes", sempre lhe atravam umas piadas. Recordá-nos que, num desses espectáculos em Paris, aí por 1965 — estávamos lá — ouvimos alguém, do balcão, chamar-lhe papagaio, de mistura com algumas "cala a boca" e, até, uma gargalhada, quando ele meteu no introito uma "tira-da de encomenda" sobre a constante preocupação do nosso Governo (nosso, deles, claro...), dos senhores embaixador e consul português (era no mais que eles pensavam, era nisso...), com os que estão longe da nossa terra (e ele a dar-lhe com a nossa, quando a terra também era deles...), ou coisa assim. Mas, o "papagaio", quando lhe atravam destas, dava uma gargalhada, fazia uma cara de pessoa zangada... à brincar, levantava as mãos a pedir calma, enrolava as mãos uma na outra... cont. na pág. 14

ORA CONTE-NOS... 1974

COMO LHE CORREU O ANO DE



NÃO FOI MAL DE TODO...
COM DOIS MILES UM
GAJO CONTINUA A SER
UM SENHOR

CAPITALISTA



DASSS...!!!



LATIFUNDIÁRIO

FOI MUITO MAU...
ESTOU A VER QUE QUALQUER
DIA AINDA ME OBRIGAM A
TRATAR OS TRABALHADORES
MELHOR QUE OS PORCOS



PADRE

VIVOOÓ...
MAS SEMPRE
ESPEREI QUE
NO NATAL
SE SERVISSEM
BIFES DE PIDES
PARA A
CONSOADA



TIVE QUE RECORRER ÀS
RESERVAS DE ESCUMNHÕES



EX-MENINA M.N.F.

PARA MIM DESDE QUE
ME DÊEM TROPAS TUDO
ESTÁ CERTO...

FEIN

... e punha os olhos nas filhas da frente — onde estavam os tais da preocupação — outros mais (assim como quem diz, que lhes havemos de fazer?...), voltava a olhar para toda a gente quando aquilo passava, sorria inicialmente e, de qualquer maneira, lá recompunha o discurso. ... e que lhe ia lá por dentro (E, agora se poderá supor melhor, o que lhe iria no íntimo, em tais tras-luças...) Contudo, verdade seja dita, essas coisas eram esporádicas, isoladas e, em nada afectavam coisa nenhuma, quanto mais um locutor de tal categoria. ... A malta ia aquelas coisas para ver e ouvir os artistas, para matar, enfim, um pouco das saudades da sua terra (pouco sua e muito deles...). E, até mesmo aquelas que a ela não podiam regressar nem, tão pouco, ir de visita (era o ias... embora alguns se tivessem arriscado e safado) — os que teriam mais razão para dizer coisas e coisas, se abstinham... Não valia a pena — nem dava nada que interessasse — estragar as festas, não acha? Mas, voltemos à história, propriamente dita, do locutor... que continuo na ribalta da cena portuguesa.

Concursos, previsões do Totobola, mesas redondas (e outras mesas), um "Festival do Cancion" (sem que até nem ando mal mas, no qual, logo disse que não se incomodassem a torcer por A. B. ou C. porque já estava tudo feito") — um festival que foi o primeiro que fez... e o último, porque o "25 de Abril" chegou e não lhe deu (nem dará, por certo, tempo para mais — e, até era, de há uns tempos, director dum jornal desportivo), pois, para bater todos os "records" também virara jornalista. Enfim, o passado ia passando e a malta lá o ia gramando (como a outros) — e não tinha outro remédio. Eles programavam, realizavam e, nós, o Zé Povo, gramávamos e pagávamos. E o locutor anafado tinha sempre lugar na programação da T.V... Então se ele até era sócio — veio a saber-se há pouco — do senhor Doutor Valadão, que era o "dono" daquilo... mas, a sociedade não era (nem é), diga-se, nas

O Locutor



"abotoaduras" do ex-director dos estúdios do Lumiar, A sociedade, de que ambos (com outros) ainda são sócios, é uma empresa de distribuição de produtos alimentares que, além do mais, até se propunha sacar 30 mil "quilos" ao Banco do Fomento e de passar a Sociedade Anónima. Mas, veio o tal 25 do tal bendito mês de Abril e tudo terido por água a baixo... Como tantas outras coisas, sobretudo "tachos" — de todos os tamanhos! E o locutor gordo, etcetera e tal... não gostou da volta como tantos outros (felizmente, poucos

Mas, como o Zé e os seus mi-litares estavam a pau... deram com os burrinhos na água e os ossos (e a carne) na cadeia. E, lá foi o locutor, quase à cabeça da lista (era o segundo), "convocado" pelas Forças Armadas para vir fazer um "relato em cadeia"... De Caxias! É bem certo que não há duas sem três... Claro que não terá relatado o "jogo" todo... Planeado para o 28 de Setembro (a feazeza que eles têm com o 28...!) — Terá mesmo tentado meter uns à parte ou anedotas para pintar e distrair os seus prezados (para nós, não para ele) "oumas nem tão poucos nem tão pouco perigosos como certas pessoas confiantes imaginaram). E, meteu-se a preparar a reviravolta com eles, os tais da silêncio... tenebroso,

se brinca! Além de que, eles até já sabiam tudo, antes de "convocarem"... e as "entrevistas" terão sido bem diferentes daquelas que ele fazia "nos dias em que esta ou aquela pessoa tinha nascido". Agora, foi ele o "entrevistado" e terá que explicar, mais ou menos, o que se terá passado antes deste "28", desde "o dia em que ele se meteu... naquilo" e, sobretudo, o que se deveria passar nos dias seguintes... se não tiver dito muito, é como dizer: os rapazes sabem, ou acabam por saber o resto. E, quanto às anedotas — em cadeia ou fora dela — depois do falhanço daquela tentativa silenciosa e de ter que recolher aos fundilhos aquela que já teria na ponta da língua para nos contar aos microfones, como

locutor do "movimento" (das forças sangrentas e tenebrosas), o melhor será arrumar as "botas"...
E, pronto, por aqui nos quedamos... com a história daquela pessoa tinha nascido... Agora, foi ele o "entrevistado" e terá que explicar, mais ou menos, o que se terá passado antes deste "28", desde "o dia em que ele se meteu... naquilo" e, sobretudo, o que se deveria passar nos dias seguintes... se não tiver dito muito, é como dizer: os rapazes sabem, ou acabam por saber o resto. E, quanto às anedotas — em cadeia ou fora dela — depois do falhanço daquela tentativa silenciosa e de ter que recolher aos fundilhos aquela que já teria na ponta da língua para nos contar aos microfones, como dos comilões!...

Perdoai-nos Senhor

SENHOR, REZAM OS LIVROS QUE FIZESTE, EM SEIS DIAS APENAS, ESTE MUNDO; E, AO OUTRO, APÓS TRABALHO TÃO PROFUNDO, P'RA DESCANSAR, ENFIM, TE DETIVESTE.

POR BAIXO DA ABÓBODA CELESTE, NESTE VALE... DE LÁGRIMAS FECUNDO, HÁ MUITO QUEM, ASAS MEDITABUNDO, A PERFEIÇÃO DA OBRA TE CONTESTE...

COM EFEITO, P'RA LÁ DAS COISAS BELAS, DO MUNDO SÃO TANTAS AS MAZELAS QUE, MUITOS, NÃO PODEMOS CONCEBÊ-LO...

— PERDOAI-NOS, SENHOR — MELHOR FARIAS, SE HOUVESSÉS DESCANSADO OS SETE DIAS OU, TRABALHADO UM MAIS — A DESFAZE-LO! ARIM

AMIGOS...AMIGOS...



Pra hoje temos uma nota de ternura e de sentimento: um diálogo tocante entre um lagarto e uma águia. Nesta hora de reunião, a gente sente um soluço erguer-se dos confins do esfago e... desculpem, eu estou muito comovido. Ouçamos apenas. ...

LAGARTO

— Meu querido, meu estimado, meu grande amigo! Eu não tenho palavras para te dizer. ...

ÁGUIA

— Nem eu, nem eu, meu adorado lagarto! Ai, se tu soubesses o que eu tenho sofrido todos estes anos por não poder desabafar contigo!



cont. da pag. 3

para arriares o cabaz!

Fiquei chateado! Realmente a minha Felismina até tinha razão... mas que se lixe: já estava pago, agora não se podia fazer nada. ...

— Atão... e o bacalhau...?

— Olha, Zé, o que lá vai, lá vai. Gastaste o dinheiro, está gasto. Mas deixa lá que não se perde tudo. ...

— Então... o que se vai fazer?

— A gente agora divide isto em três pacotes, e em vez de oferecer coisas boas aos nossos afilhados, mandamos esta porcaria toda como presente de Natal. E fica sabendo que não são eles que vão depois dizer mal de nós: vindo bem as coisas e até como se diz agora na televisão, somos nós que ficamos "em foco. ..."

LAGARTO

— Se não sei? É pá então tu que estes tempos têm sido fáceis? Então a gente ter que estar com muitas cerimónias, não poder chamar-vos gatunos, vigaristas, e outras frases assim amigas, daquelas que só aos amigos se chamam. ...

ÁGUIA

— É isso mesmo, pá! Tu sabes lá! Quando foi aquele penalty que a malta assobiou, e depois por delicadeza não disse mais nada, tu sabes lá o que é que me apetecia ter gritado, se a gente se fala sei? É pá, então foi porreiro porque se o tó pai lá tivesse, o gajo até era capaz de se chatear. Sabes os gajos nem sabem sentir estas coisas da emoção do futebol, e até podia pensar que eu tava a chamar nomes à tua mãe, coitadinha! Olha qu'eu até sou amigo dela! E a gente podia aliviar a tripa a chamar os nomes que nos apetecia, só porque temos que estar em cerimónia, por termos as relações cortadas era o que me chateava mais!

LAGARTO

— Pois claro! E depois quem se lixavam eram os árbitros! Esses sacanas depois é que acabavam por ouvir aquilo que a gente por delicadeza não chamava a vocês! Tu lembras-te daquela trancada que o Simões deu no Damas?

ÁGUIA

— Isso não foi nada! Tamen quem é que mandou o Damas entrar com um joelho levantado? Trancado valente foi aquela que o Diniz deu ao Ósebio! É pá o gajo ficou ali logo estendido e olha que a malta toda cá do glorioso, se não tivesse de relações cortadas com vocês tinham comido o Diniz aos bocadinhos!

LAGARTO

— É pá isso são coisas que acontecem! Tamen o Ósebio tinha a mania de tar sempre a chatear a malta e a metegol! É claro que tinha que

comer! A malta tamen tinha lá o Yazalde que metia golos delicadamente! Não entrava assim à bruta c'mó Ósebio!

ÁGUIA

— É pá ná chames bruto ao nosso grande Ósebio! Olha que o gajo sempre se fartou de apanhar porrada e nunca se queixava!

LAGARTO

— Sim, lá delicadinho era o gajo! Eu às vezes até tinha pena dele. Mas tamen quem mania era a dele de tar sempre a querer furar? A malta não podia deixar! E olha que às vezes até dava vontade de ir lá para baixo e desatar a arriar porrada até se acabar o mundo!

ÁGUIA

— Bom, se a gente fosse p'ra porrada, eu queria ver quem é que comia! Cá a malta do glorioso não fica em paninhos quentes, tu bem sabes!

LAGARTO

— Pois o que estragava tudo eram os sacanas dos árbitros! É pá, agora que a malta já fez as pazes, tu podes falar à vontade. Não é verdade que vocês às vezes... Entravam assim com umas cororas por fora?

ÁGUIA

— Nós? Uma gaita! LAGARTO — Não, pá, essa coisa da

gaita era cá c'gente, e olha que vocês até ficavam malucos quando as ouviam, ná ficavam?

ÁGUIA

— Chiga! Vocês fazem um cholé do catano! A malta até vinha lá de Alvalade com umas dores na craniãna. ...

LAGARTO

— Podes dizer à vontade onde é que tinhas as dores, pá! A malta agora já fez as pazes! Agora se eu te chamar cabrão tu ná tens nada que te ofender, pois não?

ÁGUIA

— Tá clro que não! É por isso mesmo eu tou à espera que comece o desafio para poder chamar à vontade filho da puta e vocês ná se chatearem. ...

LAGARTO

— Tá claro! Assim amigos é que é porreiro! Agora a malta já se pode juntar e insultar os árbitros à nossa vontade, não é?

ÁGUIA

— Claro! Os árbitros e os treinadores!

LAGARTO

— Tá visto! Agora a chaticice é o resultado! Aquilo agora havia de ser sempre a empatar 0-0! Porque se vocês começam com fitas, ná se

esqueçam que a malta agora até tem dois treinadores em vez dum!

ÁGUIA

— Isso é garganta! Assim amigos, golinhos aparte! Olha cá a malta vai com certeza dar quatro batatas!

LAGARTO

— Uma gaita! Vocês levam é no focinho com três lamiras, e ficam todos contentes! E se o sacrista do árbitro quiser fixar a gente lá por pensar que a malta fez as pazes o melhor é a malta dar-lhe logo um ensaio que é para ele aprender!

ÁGUIA

— Tá visto! Até logo, ó sacana!

LAGARTO

— Porra que tó só ordinário! Até logo meu estimado e considerado amigo!



PARA GRANDES MALES...

- transito...
- consumo...
- peso...

GRANDES REMÉDIOS!

A HONDA

IBA, LDA.

AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, Nº 59 - B - TEL. 7689 13



SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS MAIS FABULOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"